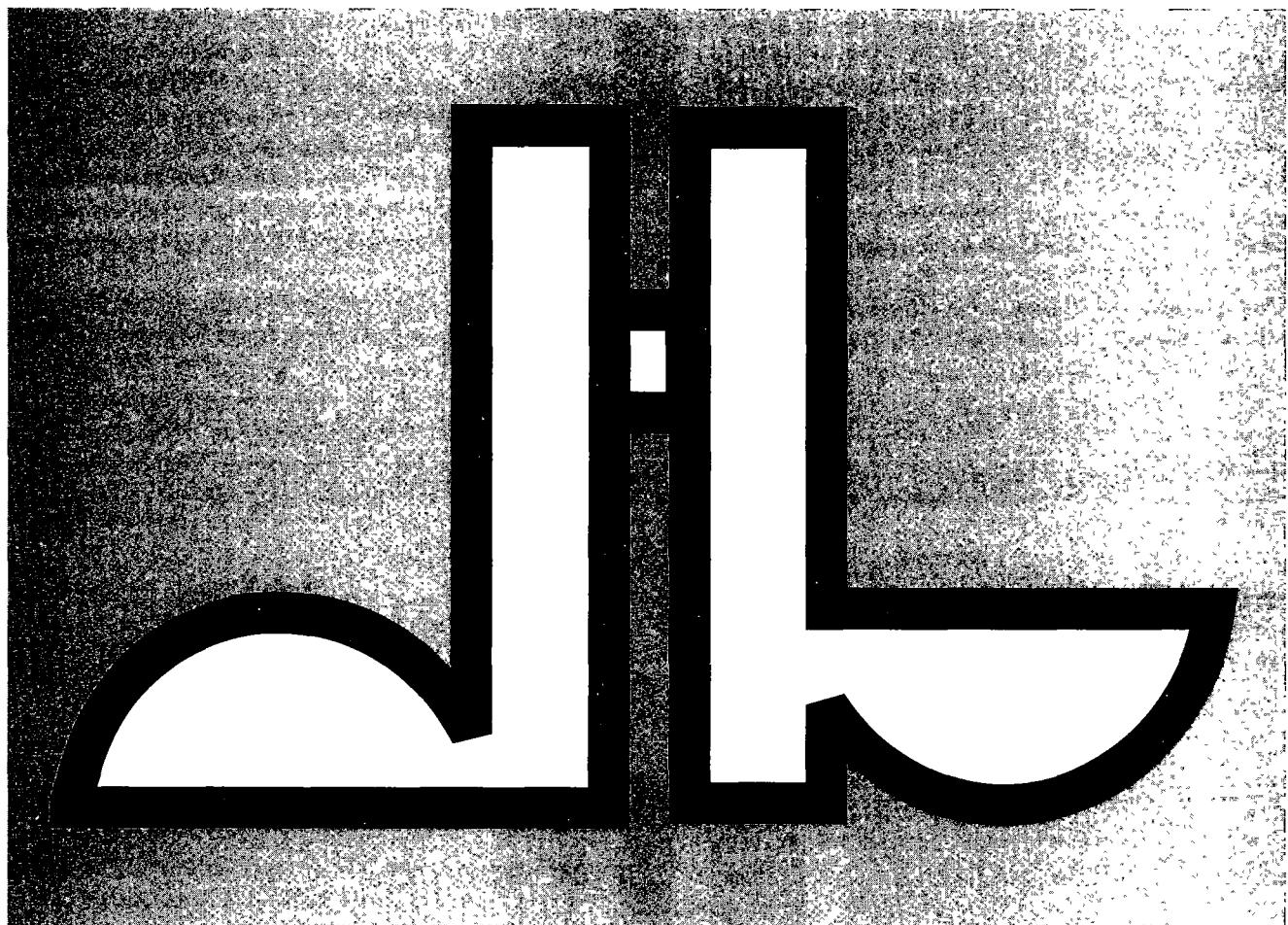




República Federativa do Brasil



**DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
SESSÃO CONJUNTA**

MESA DO CONGRESSO NACIONAL

<i>PRESIDENTE</i>	<i>Senador</i> ANTONIO CARLOS MAGALHÃES
<i>1º VICE-PRESIDENTE</i>	<i>Deputado</i> HERÁCLITO FORTES
<i>2º VICE-PRESIDENTE</i>	<i>Senadora</i> JUNIA MARISE
<i>1º SECRETÁRIO</i>	<i>Deputado</i> UBIRATAN AGUIAR
<i>2º SECRETÁRIO</i>	<i>Senador</i> CARLOS PATROCÍNIO
<i>3º SECRETÁRIO</i>	<i>Deputado</i> PAULO PAIM
<i>4º SECRETÁRIO</i>	<i>Senador</i> LUCÍDIO PORTELLA

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 7^a SESSÃO CONJUNTA (SOLENE), EM 13 DE MAIO DE 1997	
1.1 – ABERTURA	Deputado Manoel Castro
1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO	Senador Abdias Nascimento
Destinada a comemorar o sesquicentenário de nascimento de Antônio Frederico de Castro Alves.	04293
1.2.1 – Oradores	1.2.2 – Fala da Presidência (Senador Antonio Carlos Magalhães).....
Deputado Aldo Rebelo.....	04294
Senador Ronaldo Cunha Lima	04297
	1.3 – ENCERRAMENTO
	2 – MESA DO CONGRESSO NACIONAL
	3 – COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO
	4 – COMISSÃO PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL (SEÇÃO BRASILEIRA)
	04289
	04289
	04290

Ata da 7^a Sessão Conjunta (Solene), em 13 de maio de 1997

3^a Sessão Legislativa Ordinária da 50^a Legislatura

Presidência do Sr. Antonio Carlos Magalhães

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)

– Declaro aberta a sessão solene destinada a homenagear o sesquicentenário do nascimento de Antonio Frederico de Castro Alves.

Compõem a Mesa o Senador Antonio Carlos Magalhães, Presidente; à sua direita o Ministro Raimundo Brito, de Minas e Energia e o Senador Carlos Patrocínio, 2º Secretário; à sua esquerda o Deputado Ubiratan Aguiar, 1º Secretário e o Deputado Paulo Paim, 3º Secretário.

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)

– Tenho a honra de conceder a palavra ao nobre Deputado Aldo Rebelo.

O SR. ALDO REBELO (Bloco/PCdoB – SP) – Sr. Presidente do Congresso Nacional, Srs e Srs. Deputados, associo-me com emoção à merecida homenagem que o Congresso Nacional rende ao poeta Antônio Frederico de Castro Alves, no sesquicentenário de seu nascimento.

Figura exponencial de nossa poesia, apesar de sua breve existência, Castro Alves abordou os mais variados temas, sempre com mestria, vigor e inspiração.

Partidário ardoroso da liberdade e da igualdade de todos os homens, Castro Alves se imortalizou como o poeta dos escravos, o vate inspirador do movimento abolicionista. Precursor dos ideais republicanos, soube também valorizar as grandes jornadas de luta e de formação do povo brasileiro, evocando em versos arrebatados a epopeia de Palmares ou a guerra da independência da Bahia.

A obra do jovem poeta baiano tem o sentido do fortalecimento da identidade nacional, é um canto de exaltação às potencialidades do Brasil. Mas nem por isso sua alma generosa deixou de solidarizar-se com as causas progressistas de outras nações, dedicando seu último poema, declamado em público, à defesa das vítimas da guerra franco-prussiana e à celebração da Paris sitiada dos comunardos:

*Já que a Rousseau sucede Machiavelo,
Já que a Europa de altar fez-se escabelo,
Da guerra meretriz,
Já que o sonho de Canning era falso,
Já que após abolir-se o cidadafalso,
Crucificam Paris.
(...) Gritemos liberdade em face da opressão!*

Castro Alves antecipou também temas de surpreendente atualidade, como a preocupação ecológica com a preservação de nossa flora e de nossa fauna, presente, por exemplo, no poema "A queimada", escrito há mais de cem anos:

*Recresce o fogo em mares...
E após... Tombam as selvas seculares...
E tudo se acabou!...*

O poeta não urdia seus poemas apoiado apenas no talento pessoal. Boa parte de sua obra ele a escreveu nas ruas e nas praças de Salvador, de Recife, de São Paulo, do Rio de Janeiro, em sinergia com a população pobre e os movimentos libertários. Quem não se lembra de sua apaixonada defesa da liberdade de manifestação?

*A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor.*

Engajado nas causas progressistas de sua época, o poeta não deixou de ser também um grande lírico, capaz de enaltecer com ternura e sensualidade as belezas e as virtudes das mulheres que amou. Ciente dos dilemas, que a vida tantas vezes impõe, entre os compromissos sociais e os apelos da paixão e da realização profissional, Castro Alves escreveu uma peça teatral **Gonzaga ou a Revolução de Minas**, onde registrou com toda nitidez sua concepção militante do amor, que não separa a felicidade pessoal do progresso social:

*Olhai, Signora... Além dessas cortinas,
O que vedes? – Eu vejo a imensidão!...
E eu vejo a Grécia... e sobre a plaga errante,
Uma virgem chorando... – É a vossa amante?...
Tu disseste-o, condessa!... É a liberdade!...*

Poeta e militante, apesar da idade juvenil, Castro Alves refletiu também sobre as tentações do artista. Esbravejou:

*Oh! Maldição ao poeta
Que foge, falso profeta,
Nos dias de provação!
Desenhou a alternativa:
Quem és tu, poeta?
A lâmpada da orgia*

Ou a estrela de luz, que os povos guia à nova redenção?

*E fez sua escolha: ser estrela para o povo,
Para os tiranos lúgubre cometa.*

Castro Alves foi, portanto, indissociavelmente, um poeta e um ente político, no sentido mais denso da expressão, um cantor arrebatado da liberdade e do amor. Seu legado não pode ser restrinido ao valor literário. Desaparecido precocemente aos 24 anos de idade, esse grande brasileiro deixou um testemunho a ser preservado e um exemplo a ser seguido: o amor à vida no que ela tem de mais elevado, a liberdade, e, ao mesmo tempo, o amor à fraternidade e à cooperação entre os povos e entre as pessoas.

Sr. Presidente, é mais do que justa, pelos motivos sumariamente recordados, a homenagem que o Congresso presta neste instante ao grande poeta nacional, um dos filhos mais ilustres desta nossa Pátria comum, sofrida e amada. Como um dos propONENTES da realização desta sessão solene, sinto-me feliz e gratificado por ter podido contribuir para a rememoração da obra política e do legado social, imorredouros, de Castro Alves.

O poeta viveu numa época de transição e, tendo falecido tão novo, não pôde assistir à Abolição da Escravatura, por que tanto pelejara, nem festejar a Proclamação da República, com que tanto sonhara. Ainda assim, morreu sem renunciar a suas convicções e sem deixar-se abater pela desesperança. Nós, que também vivemos numa época de transição e assistimos a tantas regressões, apostasias e desalentos, não podemos esquecer esta última lição, de lucidez e firmeza, que Antônio Frederico de Castro Alves nos deixou, explicando-a antecipadamente em suas estrofes mais densas:

*Toda noite – tem auroras,
Raios – toda a escuridão.
Moços, creiamos, não tarda
A aurora de redenção.
(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães) – Com a palavra o eminentíssimo Senador Ronaldo Cunha Lima.

O SR. RONALDO CUNHA LIMA (PMDB – PB. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Srs. Congressistas, Exmº Sr. Ministro Raimundo Brito, autoridades, convidados, minhas senhoras e meus senhores, o Congresso Nacional comemora hoje, nesta sessão especial, os 150 anos do nascimento de Antônio Frederico de Castro Alves, o poeta

da Bahia de todos os santos, de todas as raças e de todos os milagres. O Senado ecoa, hoje, um grito que há 150 anos se ergueu dos livros e das praças para atravessar a história. Entoamos, agora, o canto que atravessou a poesia para ecoar na consciência da pátria. Relembreamos prantos de um povo nos cantos de um poeta; revivemos um poeta nas lágrimas de uma gente.

Antonio de Castro Alves foi mais que um dos maiores poetas românticos de nossa literatura; foi porta-voz da indignação humana e do inconformismo social ante a tragédia de um povo e o desespero de uma raça. Nesse sentido, transcendeu sua época para se alçar à história; transcendeu escolas literárias para incorporar-se à literatura universal, com o passaporte da sensibilidade timbrado com a visão social e humana de poucos e o talento artístico de raros.

É inegável que os dogmas do romantismo o influenciaram. Mas a consciência social plasmada ainda nos tempos do Ginásio Baiano, sedimentada em sua passagem pela Faculdade de Direito do Recife, o levaram a romper em seus versos os cenários ufanistas de natureza exuberante que emolduraram a maior parte dos escritos românticos brasileiros. Nele não se vê sequer um índio heroicizado na fantasia de Alencar ou Gonçalves Dias. O mar que se agiganta em seus poemas, por exemplo, não são os verdes mares bravios da minha terra "onde canta a jandaia nas palmas da camaúba". É antes um mar enodado e poluído pela iniquidade do tráfico negreiro, que leva o poeta a bradar em sua indignação:

*Ó mar! por que não apagas
Coa esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...*

A visão social de Castro Alves é ainda mais expressiva pelas circunstâncias também trágicas que cercaram sua própria vida. Tendo vivido somente 24 anos, morreu numa idade em que não há férias para a virilidade nem para o idealismo. É tanto que suas imagens poéticas pairam na intensidade dos ideais; que seus versos nascem do amor puro, da mulher, da volúpia, da carne, do espírito, do povo e das causas que lhe pareciam justas.

Foi desse modo que estreitou, nos braços primaveris de uma arte imorredoura, os acordes da sinfonia libertária. Quem pode desconhecer os versos do adolescente de 17 anos, que suspirava a dor de

sua própria infelicidade: "E eu morro, ó Deus, na aurora da existência, quando a sede e o desejo em nós palpita". E com resignação entrevê que "resta-me agora por futuro – a terra, por glória – nada, por amor – a campa".

Mas são as Vozes d'Africa que mais forte ecoam em seu canto, brandindo com o lirismo social de que poesia não apenas a irreverência do adolescente insubmisso, mas também o inconformismo sem fronteiras do idealismo sem limites:

*Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em questrela tu tescondes
embuçado nos céus?*

*Não basta inda de dor, ó Deus terrível?!
É, pois, teu peito eterno, inexaurível
De vingança e rancor?...*

O que mais soa forte, afinal, na obra de Castro Alves: o suspiro consciente de que "é tarde, é muito tarde" até para novas experiências de amor, que o levaram a pedir à mulher amada: "perdoa-me, senhora, eu sei que morro..."? Ou o grito incontido das "Estrofes do Solitário", o mais enérgico e ousado brado revolucionário contra as razões do Estado que teimava em procrastinar a abolição da escravatura? Com o saudável inconformismo que não conhece temores, ele acusou num grito que atravessou 150 anos de poesia e de história, para ainda hoje ecoar atual e inquietante:

*E vós cruzais os braços... Covardia!
E murmurais com fera hipocrisia:
– É preciso esperar...
E o próprio poeta completa:
Esperar? Mas o quê? Que a populaça,
este vento que os tronos despedaça,
venha abismos cavar?
Ou quereis, como o sátrapa arrogante,
que o porvir, nante-sala, espere o instante
em que o deixeis subir?!*

O que soa mais marcante em sua poesia? O suspiro resignado de perdão à mulher amada ou o eco revolucionário da "Ode aos Dois de Julho", na qual mais que nunca se mostrou por inteiro o pregoeiro da liberdade? E nessa "Ode", o que mais saudar: a audácia no plano da inspiração poética ou o inconformismo no plano da liberdade humana? O que mais admirar?

*Não, não eram dois povos que abalavam
naquele instante o solo ensanguentado...
Era o porvir, em frente do passado,*

a liberdade em frente à escravidão.

*Era a luta das águias – e do abutre,
a revolta do pulso, contra os ferros.
O pugilato da razão, com os erros,
o duelo da treva e do clarão!...*

Ninguém poderá sequer diminuir, em Castro Alves, o mérito literário de uma poesia nervosa, quase sempre sincopada em seus versos de múltiplas imagens e metáforas arrebatadas. Nem desconhecer-lhe o lirismo inegável de um poeta de brilho, em que a poesia brota não apenas da forma, mas das próprias idéias. Ninguém o queria, no entanto, preso em redomas de um individualismo e auto-suficiência.

A prematura condenação à morte não o prendeu ao lirismo individual e ensimesmado que poderia fazer do próprio sofrimento a inspiração única de seu canto. Desprende-se, ele próprio, para se entregar de corpo e alma, de alma e talento, de talento e inspiração, aos prantos de uma raça. E na denúncia da tragédia, no canto do desespero, transcendeu o tempo, porque a tragédia humana da opressão muda em suas formas, mas permanece imutável em sua perversidade. As súplicas de seu desabafo atravessaram os anos para inquietar a história com o desabafo de seu inconformismo:

*Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro... ou se é verdade
tanto horror perante os céus...*

Mais que canto de um poeta, pareceu o grito de um profeta. Que de mais atual, afinal, que a discriminação e a opressão? Ouçam o poeta que vê...

*Negras mulheres, suspensando às tetas
magras crianças, cujas bocas pretas
regam o sangue das mães:
outras, moças... nuas e espantadas,
no turbilhão de espectros arrastadas,
em ânsia e mágoa vãs.*

Mas não, poeta, não "stamos em pleno mar", como no "Navio Negreiro". Não, profeta, estas não são as filhas do deserto, "onde a terra esposa a luz". São antes filhas e filhos da omissão mais onipresente, às vezes originários de campos bem brasileiros, bem nordestinos, semi-áridos como campos africanos, onde também a terra esposa a luz. Elas se tornaram órfãs do sol, viúvas da seca, deserdadas da sorte por políticas de discriminação ou de omissão. Elas ainda multiplicam pelas periferias das grandes cidades, traficadas não pela infâmia de navios negreiros, em desuso, mas, ainda, até pouco tempo,

pela miséria de paus-de-arara não menos infames.

Olhai, poeta, vede "que quadro de amarguras! Que canto funeral!... Que tétricas figuras!... Que cena infame e vil!..." Olhai, poeta, gritai, profeta. Não "stamos em pleno mar", nem estes "são os guerreiros ousados, que com os tigres mosqueados, combatem na solidão". O retrato é quase o mesmo. O que mudou foi a moldura. "Stamos", poeta, em pleno Brasil, num país onde as políticas de governo muitas vezes e por muito tempo usurparam do cidadão o direito à própria esperança. Vede, poeta, a esperança que renasce agora e que não seja apenas mais uma esperança renascida. Olhai, poeta, já não existem no mar "brigues imundos" traficando escravos, senzalas ambulantes da infâmia errante. Eles se fincaram, depois, em terra firme, em terra firme e nos costumes de uma sociedade construída sobre a opressão e a servidão. Eles ainda existem neste Brasil afora, nas palaítas e nos alagados, nas favelas e nos morros, nos presídios onde se encarceram esperanças, sob as marquises onde se queimam sonhos nas portas das igrejas onde se fuzila a fé. E que roubados à vida "nem são livres para morrer".

A diferença, bem se poderia chorar, é que os escravos de hoje já nasceram escravos, jamais experimentaram a vida de seus ancestrais, "de plena liberdade, a vontade por poder". Ontem, como hoje, são todos "homens simples, fortes bravos, hoje míseros escravos, sem ar, sem luz, sem razão"...

Há mais de 100 anos, um grito atravessa a literatura para chocar a consciência nacional com o libelo irresponsável: "E existe um povo que a bandeira empresta pra cobrir tanta infâmia e covardia". Há mais de um século, a indignação do poeta diante do "auriverde pendão de minha terra, que a brisa do Brasil beija e balança" desabafa a indignação da cidadania: "Antes te houvessem roto na batalha, que servires a um povo de mortalha".

A sessão comemorativa de hoje ecoa a denúncia da opressão, ontem cantada nos versos do poeta, hoje não admitida pelo cidadão. Reforça a convicção de que o grito de Castro Alves e o transbordamento de sua indignação permanecerão eternos não apenas enquanto persistir a poesia, mas enquanto durar a indignação humana contra a infâmia, sob toda as suas formas contra a opressão, sob todos os seus modelos: "levantai-vos heróis do novo mundo". Cidadãos de todos os matizes, poetas de todos os vernizes. Levantai-vos contra todo tipo de apartheid racial ou social, contra todo tipo de discriminação econômica. Poetas de todos os sonhos, profetas de todas as esperanças, levantai-vos. Já não para ar-

rancar este pendão dos ares, ou fechar a porta de teus mares, pois outros heróis já o fizeram, cortando caminho à infâmia, abrindo terreno à esperança. Levantai-vos. Com o mesmo grito dos versos do "Navio Negreiro", que há 100 anos se fez senha do inconfidente e hoje virou canto da cidadania, que constrói no eco da sua indignação a força de sua própria esperança. Levantai-vos para outro desafio que o poeta traçou e o profeta ecoou:

*No entanto fora belo nesta idade
desfraldar o estandarte da igualdade,
de Byron ser o irmão...
E pródigo – a esta Grécia brasileira,
legar no testamento – uma bandeira,
e ao mundo – uma nação.
Depois morrer que a vida está completa,
Rei, tribuno, César ou poeta.
Que mais quereis depois?
Basta escutar do fundo lá da cova,
Dançar em vossa lousa a raça nova
Liberada por vós.
Liberai-vos.
(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)

– Com a palavra o Deputado Manoel Castro.

O SR. MANOEL CASTRO (PFL – BA. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Antonio Carlos Magalhães, Ministro Raimundo Brito, Senhores componentes da Mesa do Congresso Nacional, Sr's e Srs. Congressistas, honra-me como brasileiro, mas sobretudo como baiano, poder estar aqui, na tribuna desta Casa, símbolo maior da democracia construída pelo nosso povo, para homenagear aquele que, mais que qualquer outro, soube compreender a alma libertária da nossa gente.

Antonio Frederico de Castro Alves, cujo nascimento completou 150 anos neste 14 de março, dedicou a sua curta, mas intensa vida à construção do sonho de uma Nação fraterna, justa e igualitária, e se entregou a este sonho com o ardor e veneração ditados pelo seu coração poeta.

Falar do talento literário deste baiano nascido em Cabeceiras do Paraguaçu, que se tornaria o mais popular poeta romântico brasileiro e a quem Manuel Bandeira considerou "o mais dotado dos condoreiros", por mais inspiradas palavras que pudéssemos utilizar, seria uma tarefa inócuia. Faltam-me melhores condições para uma análise da sua importância como poeta pela sua obra literária. Prefiro aqui me reportar a sua genialidade em compreender

a essência da alma brasileira num momento crucial, em que se fazia necessário rever as bases da sociedade de então, para inserir o nosso País no contexto das nações modernas, tanto do ponto de vista social quanto econômico.

O Brasil de Castro Alves estava assentado economicamente numa sociedade escravocrata, sem dúvida alguma, o mais injusto, indigno e abominável sistema político, econômico e social que a humanidade foi capaz de produzir. Éramos a última Nação das Américas e uma das últimas em todo o mundo a manter um modelo de Estado ultrapassado, que não atendia aos interesses das relações internacionais, mas principalmente feria a nossa dignidade e conspirava contra os interesses maiores da modernização do nosso País e, consequentemente, de uma maior justiça social.

Castro Alves usou o seu talento literário, a sua voz, mas, principalmente, a sua coragem para desmistificar o modelo de Estado que já não condizia com o seu tempo. Lutou apaixonadamente pelo fim da escravidão, mas fez também da República, da liberdade de imprensa e da conquista do voto feminino bandeiras de luta na pregação de uma nova estruturação social e econômica, capazes de responder aos anseios de justiça social, preconizado por um mundo que definitivamente já havia rompido com os elos do feudalismo e se entregava febrilmente às conquistas tecnológicas da industrialização.

É certo que houve os que se agarraram às regras estabelecidas, como se a história da humanidade fosse construída, não pelas transformações, mas pela imutabilidade. Não faltaram os artigos em jornais que o colocavam como ingênuo ou, até mesmo, como defensor dos interesses de nações concorrentes que, temendo o futuro glorioso do Brasil, tentavam desprovir o País da sua principal força produtiva de então, os escravos.

A esses Castro Alves destinava o combate sem trégua empunhando a pena e erguendo a voz com "um sentido divinatório que lhe insuflava soluções difíceis de esperar no seu tempo", como brilhantemente definiu Fausto Cunha.

Sr. Presidente, Sr's e Srs. Parlamentares, é evidente que o Brasil de hoje ainda não é o país sonhado por Castro Alves. Infelizmente, um século e meio após o seu nascimento ainda convivemos com situações da injustiça social que ferem a nossa dignidade como Nação. Ao mesmo tempo, assim como o poeta, vivemos o limiar de um novo tempo e essas duas questões se colocam como os mais importantes desafios na construção de uma Nação fraterna,

justa e igualitária, que os seus versos apregoaram.

Falar em justiça social sem ter em vista este novo mundo que bate às nossas portas é o mesmo que se transvestir em homens surdos, sobre os quais o poeta fala em "Estrofes do Solitário". E essa surdez está tão presente naqueles que privilegiam um corporativismo cego, na defesa de uma sociedade industrial do século passado, quanto nos que temiam em perpetuar uma estrutura agrária feudal, desmistificada por outro grande gênio universal da literatura, o francês Victor Hugo, um dos inspiradores máximos de Castro Alves.

Não é por acaso que a obra de Castro Alves espelha a dor universal dos injustiçados e oprimidos. O menino que nasceu numa fazenda na pequenina Cabeceiras do Paraguaçu e que morreu aos vinte e quatro anos em Salvador, foi testemunha ativa dessas duas contradições e soube, ao longo da sua curta existência, posicionar-se com firmeza diante das inevitáveis transformações que o seu tempo determinava.

Infelizmente, por não sermos ainda o País sonhado por Castro Alves e, na maioria dos casos, faltar-nos a sensibilidade do poeta, não tenhamos ainda vislumbrado a essência da alma brasileira em sua integridade. Isto talvez explique o fato de muitos de nós continuarmos presos ao passado, agarrados a velhos conceitos, à defesa de moribundos interesses, enquanto assistimos ao povo a nos olhar com indiferença e caminhar decisivamente numa outra direção.

Mas, Sr. Presidente, Srs e Srs. Parlamentares, assim como os homens surdos do final do século passado não foram capazes de impedir as transformações que naquele momento se faziam necessárias, os homens surdos deste final de século também não conseguirão deter as reformas das bases ultrapassadas em que a nossa estrutura econômico-social está assentada.

A poesia de Castro Alves e sua coragem em confrontar com os que preferiram o comodismo de não enfrentar os desafios do futuro nos incentiva a seguir em frente, certos de que no Brasil de hoje não cabe o corporativismo urbano nem o feudalismo arcaico no campo.

O caminho para nos levar à Nação sonhada no século passado pelo poeta passa, neste limiar de um novo século, pelas reformas econômicas e sociais que esta Casa, que tem a obrigação de procurar seguir o exemplo deixado por Castro Alves na compreensão da essência da alma brasileira, transformará, acredito, em realidade.

Era o que tinha a dizer.

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães) – Com a palavra o último orador inscrito, o Senador Abdiás Nascimento.

O SR. ABDIAS NASCIMENTO (Bloco/PDT – RJ. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Srs. Membros da Mesa, Srs. Congressistas, Srs. Membros do Corpo Diplomático, sob a proteção de Olorum inicio este meu pronunciamento.

Um dos acontecimentos mais importantes de nossa história política – a extinção, por decreto, de toda uma categoria social –, a Abolição da Escravatura, continua a repercutir na realidade social do Brasil às vésperas da virada do milênio.

Como tem sido demonstrado à exaustão, sobretudo pela Sociologia e pela História, os principais problemas sociais enfrentados pelo Brasil de hoje têm origem na forma como se fez a passagem de uma economia baseada no trabalho servil para uma incipiente economia capitalista de base inicialmente agrária, mas que continuava tendo na exploração da mão-de-obra negra – agora supostamente livre – sua principal fonte de sustentação.

Maior país escravista das Américas, o que mais importou africanos escravizados nos três séculos e meio em que durou o tráfico negreiro e o último a abolir a escravidão, o Brasil figura hoje entre os campeões mundiais de desequilíbrio social. Só um ingênuo – ou um cínico – poderia ver nisso uma simples coincidência. No entanto, ainda há muitos brasileiros que acreditam nos contos da carochinha engenhosamente formulados pelos ideólogos das elites. Para estes, no Brasil, atual paraíso da "democracia racial", a escravidão teria sido de caráter "benevolente", embalada por idílicas relações entre a casa-grande e a senzala, do que teria resultado uma sociedade virtualmente cega à cor da pele, traço físico – afirmam os propagandistas dessa empulhação –, sem muita influência sobre a vida das pessoas.

Segundo essa visão mistificadora, que até pouco tempo atrás era ensinada nas escolas como História oficial, a Abolição teria sido resultado da bondade e do espírito humanitário da Princesa Isabel, condóia com a sorte dos negros. Tal posição, evidentemente, não tem qualquer sustentação histórica: a Abolição se deu porque era preciso modernizar o Brasil, ante os imperativos da Revolução Industrial, e também porque a crescente resistência dos negros, queimando fazendas, sabotando engenhos e organizando quilombos, tornava cada vez mais elevado o custo da escravidão. Mas a insistência na divulgação desses mitos, erigidos em verdades oficiais do Esta-

do, é também reveladora dos desígnios e dos medos das elites brancas, cujo poder se mantém intocado mais de cem anos depois da chamada "libertação".

Na realidade, no Brasil de hoje, não é apenas a situação dos negros que resulta diretamente da escravidão e da forma como esta foi extinta. O crime da escravidão foi a base a partir da qual se fundou o que alguns chamam de "civilização brasileira": um projeto de caráter excludente em que o propósito das elites é manter a qualquer custo os privilégios que a diferenciam do restante da população. Durante quase 400 anos esses privilégios foram preservados pela violência institucional, acostumando os mais afortunados à noção perversa de que os "outros" podem ser humilhados, vilipendiados, torturados e usurpados nos seus direitos e na sua cidadania plena.

Neste período, o Brasil "importou", pelos dados oficiais, cerca de 4 milhões de africanos escravizados, o que corresponde a 40% do total trazido à força para as Américas. É óbvio que esta é uma avaliação por baixo. Se levarmos em conta que para cada escravo chegado às plantações ou às minas, entre cinco e dez africanos foram sacrificados na travessia das distâncias africanas, nos navios negreiros e nos entrepostos de leilão de escravos, teremos um número mais próximo à realidade: de 20 a 40 milhões.

Forjou-se, assim, entre nós a concepção de que o trabalho não significa e nem enobrece. Trabalho é coisa que se obriga outra pessoa a fazer. Se necessário, por meio da força ou da tortura. Trabalho é coisa de escravo, é escravidão.

Se o impacto da escravidão no Brasil, em termos sociais, econômicos e políticos, pode ser verificado pelo estudo científico da História ou da Sociologia, suas dimensões humanas e psicológicas devem ser buscadas também no terreno da arte. Nas artes plásticas e na literatura, sobretudo, vamos encontrar um retrato fiel da sociedade brasileira no período escravista, capaz de trazer às nossas consciências os sentimentos que animavam homens e mulheres situados nos diferentes extratos sociais e o que significava viver numa sociedade contaminada, "gangrenada", como já se disse, pela escravidão.

Uma das melhores vias de acesso a essa realidade social é a leitura dos poemas do baiano Antônio Frederico de Castro Alves, cuja preocupação com a causa dos cativos lhe valeu o título de "Poeta dos Escravos".

Em sua poesia, inflada pelos nobres sentimentos de compaixão e da solidariedade e animada pela indignação característica dos paladinos de todas as

causas sociais, encontramos não apenas um retrato da violência e das humilhações sofridas pelos africanos escravizados no Brasil, encontramos também a fala oculta e revoltada dos próprios negros, materializada nas fugas, rebeliões, revoltas que pontilharam este País desde a chegada dos primeiros africanos no início do século XVI.

Na sociedade em que viveu Castro Alves, Sr. Presidente, Srs. e Srs. Congressistas, os negros eram praticamente onipresentes. Maioria absoluta da população, estavam na lavoura, nas cidades, dentro de casa, fugidos no mato e organizados em quilombos. Nas grandes cidades, prestavam serviços vendendo água, comida e artesanato. Exerciam ofícios especializados, como os de barbeiro, alfaiate e eram responsáveis por toda e qualquer espécie de carga, num país onde "homens de qualidade se recusavam a levar o mais íntimo pacote". Como manter tanta gente sob trabalhos forçados sem o uso abundante da violência? Uma violência presente desde a captura desses homens e mulheres em solo africano, multiplicada na travessia do Atlântico em navios cujo nome, "tumbeiros", bem dá a dimensão da tragédia que significou o tráfico de negros. Com tintas pungentes, Castro Alves descreveu essas embarcações da morte:

*Era um sonho dantesco... O tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite
Horrendos a dançar...
(...)
Presa nos elos de uma só cadeia
A multidão faminta cambaleia
E chora e dança ali...
Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando geme e ri...*

Uma sociedade fundada em tal violência, Sr. Presidente, Srs. e Srs. Congressistas, não pode esquecer-se quando essa irrompe, oculta sob as sombras da noite, nos becos e desvãos de nossas favelas, pelas mãos de uma Polícia que traz em si a marca do feitor ou capitão-do-mato. Imaginar que isso começou no regime militar, ou na ditadura do Estado Novo, é assumir a visão míope de uma sociedade elitizada, que só enxerga o sofrimento quando esse se abate sobre sua própria pele.

Considerado peça ou mercadoria, um escravo podia ser objeto de compra, venda, empréstimo,

doação, penhor, seqüestro, transmissão por herança, embargo, depósito, arremate e adjudicação – tal como qualquer outra mercadoria.

Mas era, ainda assim, uma mercadoria especial. Cometesse um crime, seria punido com todos os rigores do Código Penal. Como escreveu um historiador, o primeiro ato humano do escravo era o crime – era quando ele "virava gente". Nasceu aí o tratamento "especial" de que os afro-brasileiros continuam sendo objeto, quando se vêem diante de polícias, delegados ou juízes – daqueles que constituem, nas várias instâncias, os agentes da lei. Se os negros são réus, a cor da sua pele funciona como agravante nas penas que recebem, conforme mostram as pesquisas; se os negros são vítimas, sua filiação étnica serve de atenuante para os acusados, cujas penas, ainda segundo as pesquisas, tendem a ser menores do que nos casos em que as vítimas são brancas. Assim, os negros continuam experimentando no Brasil de hoje o tratamento discriminatório que eram sujeitos seus antepassados, a despeito dos princípios igualitários consagrados em nossas tantas Constituições.

Além de desempenhar todas as funções produtivas na sociedade brasileira, os africanos e afro-brasileiros escravizados também contribuíram de outras maneiras para aumentar o rendimento das famílias brancas. A mendicância era uma dessas atividades envolvendo principalmente escravos idosos e doentes. Esses se viam muitas vezes contemplados com uma alforria cujo objetivo era na verdade libertar os senhores da obrigação de sustentá-los. A pena indignada de Castro Alves assim descreveu essa crueldade:

*É ele o velho maldito
O escravo desamparado
Bem como o cedro lascado
Bem como o cedro no chão
Tem por leito de agonia
As lájeas do pavimento
E como único lamento
Passa rugindo o tufão.*

Será que evoluímos alguma coisa desde então? Como explicar o tratamento desumano que ainda hoje dispensamos aos idosos, obrigados a sobreviver com aposentadoria ridícula, após terem exaurido suas energias num trabalho árduo e miseravelmente remunerado? Como explicar que, ainda por cima, sejam os idosos as primeiras vítimas de uma reforma da previdência que, ampliando o tempo de serviço exigido para a aposentadoria, condena a

maioria a trabalhar até a morte?

Encerrada na morte lenta e cruel, pela doença ou pela fome, a existência de um escravo tinha início igualmente doloroso. Desde a perspectiva sombria de mães que, conscientes daquilo que aguardavam seus filhos, chegavam a cometer o infanticídio para que estes não crescessem como escravos, o que Castro Alves nos relata no belo poema intitulado "Mater Dolorosa". No instante da mãe que mata o próprio filho, registra o poema.

*Não me maldigas... Num amor sem termo
Bebi a força de matar-te...a mim...*

*Viva eu cativa a soluçar num erno
Filho, sé livre... Sou feliz assim.*

Crianças obrigadas pela vida a "chorar antes de rir", esses meninos e meninas, cujo sofrimento não sensibilizava a sociedade escravista, eram a antecipação concreta de nossas crianças carentes e abandonadas. Dessa chaga social que o Brasil não conseguiu extirpar e que, ao contrário, prossegue em sua expansão, obrigando as elites a se refugiar em verdadeiros bunkers e fortalezas, conhecidos pelo euferismo de "condomínios fechados". Os números dolorosos do abandono de nossa juventude, brandidos com insistência por organizações humanitárias nacionais e internacionais, resultam principalmente do descaso que a sociedade dominante se acostumara a cultivar para com os filhos dos africanos, os filhos dos negros, ampliando mais tarde essa visão para nela incluir os filhos dos pobres.

Além de forçar os velhos e doentes a mendigar, famílias consideradas respeitáveis também tinham como fonte de renda a prostituição – não de suas mulheres e filhas, é claro, mas das filhas mulheres dos escravos. Obrigadas a vender o corpo nas ruas das grandes cidades em troca de um parco dinheiro que sequer podiam reter para si, essas jovens constituem a raiz da prostituição infanto-juvenil, que infelizmente não foi trazida para cá pelo turismo sexual – como quer fazer crer uma recente campanha do governo –, mas constitui, mais uma das chagas de nossa tradição social, a ter início na longa noite da escravidão. A mentalidade que a tolera e que dela se beneficia, para ganhar dinheiro ou obter prazer, é exatamente a mesma que usufruía desses mesmos benefícios, há mais de cem anos, com o corpo das jovens negras forçosamente prostituídas.

Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Congressistas, oriundos de diferentes regiões da África, com graus diversos de desenvolvimento e sofisticação tecnoló-

gica, os africanos escravizados no Brasil jamais corresponderam à caricatura grosseira que deles se desenhou no propósito de, desumanizando-os, justificar a escravidão. Traço característico desse tipo de caricatura é a afirmação de que o negro, naturalmente "submisso", aceitara "docilmente" a situação de escravo. Nesse caso, caberia indagar a função dos abundantes instrumentos de tortura encontrados em nossos museus, ferramentas indispensáveis à manutenção de um regime que tinha no medo da morte o seu maior sustentáculo. Mas a crônica da escravidão é também o copioso diário da resistência negra, que no Brasil encontrou sua melhor expressão nas páginas que relatam a epopéia de Palmares, o maior dos quilombos, assim saudado por Castro Alves:

*Salve! Região dos valentes
Onde os ecos estridentes
Mandam aos plainos trementes
Os gritos do caçador!
E ao longe os latidos soam...
E as trompas da caça atroam...
E os corvos negros revoam
Sobre o campo abrasador!...
Palmares! A ti meu grito! A ti, barca de granito,
Que no soçobro infinito
Abriste a vela ao trovão.
E provocaste a rajada,
Solta a flâmula agitada
Aos uivos da marujada
Nas ondas da escravidão!*

Sr. Presidente, Sr.^{as} e Srs. Congressistas, defensor intransigente da causa dos afro-brasileiros, meus irmãos, ocupo hoje esta tribuna não apenas para denunciar os sofrimentos impostos ao meu grupo étnico nos quase 500 anos de escravidão e racismo que constituem a História do Brasil. É meu principal propósito, no dia de hoje, mostrar como o tratamento dispensado aos afro-brasileiros, ao longo do período escravista, além de excluí-los e marginalizá-los de nosso processo social, acabou se entranhando – como não poderia deixar de ser – na própria alma de cada brasileiro, transformando-se no metro e no padrão com que se encaram entre nós as questões de natureza social.

Se quisermos, realmente, entender, para enfrentar e resolver problemas como a violência institucional, os menores carentes e de rua, a prostituição infantil, o tratamento dispensado aos idosos e às questões trabalhistas em geral – sem falar na ética do trabalho e na rapinagem do Estado pelas elites –,

deveremos estudar seriamente a escravidão a que foram submetidos, durante quase quatro séculos, os africanos e seus descendentes no Brasil. E, se quisermos ingressar no próximo milênio com chances reais de concretizar o imenso potencial deste País, deveremos combater a causa última de todas essas mazelas, cancro que corrói a própria essência de cada brasileiro o impede de desatar as amarras de nosso atraso e subdesenvolvimento, originados principalmente no sentimento de inferioridade que nos acomete quando nos comparamos à Europa ou aos Estados Unidos. Esse cancro, Sr. Presidente, Sr.^{as} e Srs. Congressistas, é o do racismo, fatídica herança da escravidão que o 13 de Maio também não aboliu.

*Silêncio, musa... chora e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!
(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)

– Sr.^{as} e Srs. Congressistas, ao agradecer a presença das autoridades civis e diplomáticas, em particular do Ministro Raimundo Brito, que nos honra com a sua presença, dando, assim, mais uma demonstração ao Poder Legislativo do seu apreço e respeito por esta Casa, cabe-se dizer o quanto se torna maior a figura de Castro Alves, pelo resultado desta sessão de hoje. Ouvimos pronunciamentos os mais diversos, de ideologias das mais diferentes, mas todas elas convergindo para a grandeza da figura do poeta baiano. Evidentemente, cada um mencionando a inteligência e a poesia de Castro Alves a serviço da sua causa, mas, acima de tudo, estava a causa da liberdade.

Tenho certeza de que Castro Alves, se hoje vivesse, veria o adiantamento do Brasil em relação à sua época. Esta Nação, evidentemente, ainda permanece com alguns preconceitos que precisam desaparecer. No entanto, ela é outra em relação ao passado.

De qualquer sorte, há uma Nação que cresce, cujos preconceitos diminuem a cada dia; uma Nação em que não há preconceitos de raças, sobretudo, na sua representatividade no Congresso Nacional, onde temos os seus representantes livremente escolhidos pelo povo para governos, vereanças, prefeituras e para o Congresso Nacional com os mesmos direitos, como é justo e natural.

De modo que o Brasil, hoje, sem dúvida, é outro, mas ainda precisa ser melhor com a união de todos os brasileiros. Daí por que essa diversidade é importante que exista, para fortalecer o regime democrático.

Hoje, tantos oradores aqui estiveram, principalmente o autor do requerimento que propiciou esta sessão importante, a qual poderia ter sido maior não fossem as atividades nas duas Casas do Congresso Nacional. Enfim, esta sessão demonstra o quanto Castro Alves foi grande e ainda permanece maior neste País; fosse no "Navio Negreiro", pela Abolição da Escravatura; fosse para nós, baianos, na "Ode ao 2 de Julho", proclamando a força da nossa independência, embora tarde, mas veio ainda com sangue, com lutas, contra os portugueses, como era natural; fosse ainda no seu lirismo tão belo, nos seus amores cantados em toda parte; fosse como um brasileiro completo e não apenas baiano, porque viveu em Pernambuco, na Bahia, em São Paulo. Teve seus amores naturais, como o caso de amor tão completo e bonito com Eugênia Câmara. Era um homem capaz de poesias como "O Adeus de Teresa", que diz:

*A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou aos giros seus...*

*E amamos juntos... e depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer coa fala...
E ela, corando murmurou-me: "Adeus".*

Homem capaz de poesias épicas, Castro Alves foi também um homem de amor, desses versos e desses episódios. Teve a coragem de dizer: "Eu que sou pequeno, mas só fito os Andes" e não caiu no ridículo. "E vejo além um futuro radiante". Morrendo aos 24 anos, foi talvez o único brasileiro que com tal idade teve um futuro radiante, porque teve uma obra completa, coisa rara no mundo inteiro.

Sr. Deputado Aldo Rebelo, V. Ex^a fez muito bem em propor a realização desta sessão de homenagem do Congresso a quem talvez tenha sido maior poeta brasileiro de todos os tempos, o "Poeta da Liberdade", o "Poeta da Democracia", uma vez que o Congresso Nacional simboliza também a liberdade e a democracia no Brasil. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)
– Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 12h16min.)

COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO

PRESIDENTE: Senador NEY SUASSUNA (PMDB/PB)

1º VICE-PRESIDENTE: Deputado ARNALDO MADEIRA (PSDB-SP)

2º VICE-PRESIDENTE: Senador JEFFERSON PÉRES (PSDB/AM)

3º VICE-PRESIDENTE: Deputado JOÃO FASSARELLA (BLOCO -
PT/PDT/PC do B/MG)

DEPUTADOS

TITULARES

SUPLENTES

PFL

ADAUTO PEREIRA	PB	5221	BENEDITO DE LIRA	AL	5215
ALEXANDRE CERANTO	PR	5472	JOÃO MAIA	AC	5244
ARACELY DE PAULA	MG	5201	LAURA CARNEIRO	RJ	5516
BETINHO ROSADO	RN	5558	ROBERTO PESSOA	CE	5607
EULER RIBEIRO	AM	5544			
FRANCISCO RODRIGUES	RR	5304			
JOSÉ ROCHA	BA	5908			
JÚLIO CÉSAR	PI	5654			
MAURÍCIO NAJAR	SP	5242			
OSVALDO COÊLHO	PE	5444			
PAULO GOUVÉA	SC	5918			
ROLAND LAVIGNE	BA	5550			
SARNEY FILHO	MA	5202			

BLOCO PMDB/ PSD/PSL

ALBÉRICO FILHO	MA	5554	HÉLIO ROSAS	SP	5478
ANIBAL GOMES	CE	5731	JOSÉ CHAVES	PE	5436
ARMANDO ABÍLIO	PB	5805	ROBERTO PAULINO	PB	5315
BARBOSA NETO	GO	5566	SANDRO MABEL	GO	5803
GENÉSIO BERNARDINO	MG	5571			
LÍDIA QUINAN	GO	5223			
NEUTO DE CONTO	SC	5209			
ODACIR KLEIN	RS	5228			
OSCAR GOLDONI	MS	5448			
PEDRO NOVAIS	MA	5813			
SILAS BRASILEIRO	MG	5932			
UDSON BANDEIRA	TO	5466			
ZÉ GOMES DA ROCHA	GO	5748			

PSDB

ARNALDO MADEIRA	SP	5473	B.SÁ	PI	5643
BASÍLIO VILLANI	PR	5634	EMERSON OLAVO PIRES	RO	5318
CECI CUNHA	AL	5727	OLÁVIO ROCHA	PA	5431
CIPRIANO CORREIA	RN	5839	YEDA CRUSIUS	RS	5956
DANILO DE CASTRO	MG	5862			
FLÁVIO PALMIER DA VEIGA	RJ	5246			
JOÃO LEÃO	BA	5320			
LEÔNIDAS CRISTINO	CE	5535			
MARCUS VICENTE	ES	5362			
PEDRO HENRY	MT	5829			
PIMENTEL GOMES	CE	5231			
ROBERTO ROCHA	MA	5529			

TITULARES**SUPLENTES****BLOCO PT/PDT/PC do B**

ARLINDO CHINÁGLIA	SP	5706	EURÍPEDES MIRANDA	RO	5252
CHICO VIGILANTE	DF	5627	INÁCIO ARRUDA	CE	5528
FERNANDO RIBAS CARLI	PR	5948	MARIA LAURA	DF	5475
GIOVANNI QUEIROZ	PA	5534	RENAN KURTZ	RS	5810
JOÃO COSER	ES	5514			
JOÃO FASSARELLA	MG	5283			
PAULO BERNARDO	PR	5379			
PAULO ROCHA	PB	5483			
SERAFIM VENZON	SC	5711			
SÉRGIO MIRANDA	MG	5462			

PPB

CLEONÂNCIO FONSECA	SE	5824	CARLOS AIRTON	AC	5745
FELIPE MENDES	PI	5640	VAGO		
JOSÉ JANENE	PR	5608	VAGO		
LUÍS BARBOSA	RR	5340			
MÁRCIO REINALDO MOREIRA	MG	5819			
OSVALDO REIS	TO	5835			
ROBERTO BALESTRA	GO	5262			
SILVERNANI SANTOS	RR	5625			
VAGO					
VAGO					

PTB

ETEVALDA GRASSI DE MENEZES	ES	5322	PAULO CORDEIRO	PR	5632
ISRAEL PINHEIRO	MG	5373			
RODRIGUES PALMA	MT	5528			

PSB

FERNANDO LYRA	PE	5901	SÉRGIO GUERRA	PE	5426
---------------	----	------	---------------	----	------

PL

PEDRO CANEDO	GO	5611
--------------	----	------

SENADORES

TITULARES

SUPLENTES

PFL					
CARLOS PATROCÍNIO	TO	4068	EDISON LOBÃO	MA	2311
JONAS PINHEIRO	MT	2271	JOSÉ ALVES	SC	4055
JOSÉ BIANCO	RO	2231			
JÚLIO CAMPOS	MT	4064			
ODACIR SOARES	RO	3018			
ROMERO JUCÁ	RR	2111			
PMDB					
CARLOS BEZERRA	MT	2291	FERNANDO BEZERRA	RN	2461
FLAVIANO MELO	AC	3493	CASILDO MALDANER	SC	2141
JÁDER BARBALHO	PB	2441			
MARLUCE PINTO	RR	1101			
NEY SUASSUNA	PB	4345			
ONOFRE QUINAN	GO	3148			
PSDB					
COUTINHO JORGE	PA	3050	LÚDIO COELHO	MS	2381
JEFFERSON PÉRES	AM	2061			
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA	ES	2021			
LÚCIO ALCÂNTARA	CE	2301			
BLOCO PT/PDT/PSB/PPS					
ANTONIO CARLOS VALADARES	SE	2201	ADEMIR ANDRADE	PA	2101
EDUARDO SUPLÍCY	SP	3213			
SEBASTIÃO ROCHA	AP	2241			
PPB					
ERNANDES AMORIM	RO	2251	LEOMAR QUINTANILHA	TO	2071
PTB					
REGINA ASSUMPÇÃO	MG	2321			

COMISSÃO PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL
(SEÇÃO BRASILEIRA)
(Designação em 25-04-95)

Presidente: Deputado PAULO BORNHAUSEN
Vice-Presidente: Senador CASILDO MALDANER
Secretário-Geral: Senador LÚDIO COELHO
Secretário-Geral Adjunto: Deputado ROGÉRIO SILVA

SENADORES		DEPUTADOS	
Titulares	Suplentes	Titulares	Suplentes
José Fogaça Casildo Maldaner	PMDB	Marluce Pinto (1) Roberto Requião	Bloco Parlamentar PFL/PTB
Vilson Kleinübing Romero Jucá	PFL	Joel de Hollanda Júlio Campos	Luciano Pizzatto Paulo Bornhausen
Lúdio Coelho	PSDB	Geraldo Melo	PMDB
Esperidião Amin	PPB		Paulo Ritzel Valdir Colatto
Emilia Fernandes	PTB		PSDB
Osmar Dias(2)	PP		Franco Montoro
	PT	Benedita da Silva Eduardo Suplicy Lauro Campos	PPB
			Fetter Júnior(3,4)
			PP
			Dilceu Sperafico
			PT
			Miguel Rossetto
			Luiz Mainardi

1 Pedro Simón substituído por Marluce Pinto, em 2-10-95

2 Filiado ao PSDB, em 22-6-95.

3 Rogério Silva substituído por Júlio Redecker, em 31-5-95.

4 Júlio Redecker substituído por Fetter Júnior, em 1-2-96

EDIÇÃO DE HOJE: 16 PÁGINAS